

## **SOBRE UM PERCURSO TRANSCULTURAL**

aprofundando experiências de viagem

**Ana Flávia Andrade de Figueiredo<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo parte de uma indagação sobre como o homem, ao aprofundar suas experiências de viagem, poderia contribuir para uma verdadeira mudança de paradigma colonizador, de modo a restaurar valores como a hospitalidade. Fruto da tese de doutoramento defendida em junho de 2014, no programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, seu objetivo é apresentar algumas apostas, resultantes do estudo desenvolvido sobre a relação entre o dom, pela moeda de acolhimento e reciprocidade, motora e matriz das experiências de viagens na rede investigada, e processos de formação de práticas transculturais, buscando identificar ressonâncias potencialmente decolonizadoras. A pesquisa teve como campo etnográfico uma rede mundial de viajantes, acompanhada entre o ano de 2007 e fevereiro de 2014, o *Couchsurfing*.

**Palavras-chave:** Viagens. Autonomia. Cosmopolitismo. Práticas Transculturais.

**Abstract:** This article is based on a question about the man, to deepen their travel experiences, could contribute to a genuine colonizer paradigm shift, to restore values such as hospitality. Fruit of the PhD thesis defended in June 2014 in the post graduate program in anthropology at the Federal University of Pernambuco, the aim is to present some bets, resulting from the study conducted on the relationship between the gift, for the currency of host and reciprocity, motor and mother of travel experiences in the investigated network, and processes of formation of cross-cultural practices, in order to identify potentially decoloniality resonances. The ethnographic field research was a global network of travelers, followed between 2007 and February 2014, the Couchsurfing.

**Keywords:** Travel. Autonomy. Cosmopolitanism. Transcultural Practice.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Email: [ana\\_flavia\\_pe@yahoo.com.br](mailto:ana_flavia_pe@yahoo.com.br)

## Introdução

O presente artigo parte de uma indagação sobre como o homem, ao aprofundar suas experiências de viagem poderia contribuir para uma verdadeira mudança de paradigma colonizador, de modo a restaurar valores como a hospitalidade e um sentido, tal como nos fala Edgar Morin, de terra-pátria. Fruto de uma tese empreendida entre os anos de 2010 e 2014, mas de um campo etnográfico iniciado em 2007, a pesquisa foi indicativa de algumas apostas, ou poderia também chamar horizontes, relacionadas a uma morfologia de viagens que, focadas em uma maior autonomia, consciência política e diálogo entre os sujeitos, ressoam efetivamente como práticas transculturais que vão à contracorrente de um sistema mundo global hegemônico e fortemente ainda alicerçado em coerções colonizadoras do saber, do ser e do poder.

Alguns tecidos, percebidos em suas relações tensionais e complementares, foram definidos como norteadores do presente texto: o dom, as viagens, o imaginário, a autonomia e o decolonialismo. Neste caminho, aqui interessa o exercício da viagem baseada na reciprocidade e no compartilhamento íntimo do lar, tal como potencialmente acontece na rede definida como campo de estudos, pois, a partir da pesquisa iniciada em 2007, durante o mestrado desta autora, foi percebido que este exercício nutre a criação imaginária de distintos globais.

Tais horizontes encontram alguns pilares. Edgar Morin afirma que o pensamento do Sul é solicitado a reproblematicar a sabedoria dotada de razão. Para o pensador, a nova sabedoria precisaria procurar a dialógica, o diálogo permanente, complementaridade no antagonismo, entre a razão e a paixão. A missão do pensamento do Sul seria restaurar a nova solidariedade planetária, vital para todos nós, além de valores que nele permaneceram fortes, como honra e hospitalidade (Morin apud Morin et al., 2011, p.18-19).

O CouchSurfing<sup>2</sup>, rede de viajantes definida como campo para esta pesquisa, é uma rede de alcance mundial que, apenas em 2013, saltou dos cinco para os sete milhões de integrantes. Embora não obrigatória, a hospedagem – estritamente gratuita - está diretamente relacionada às percepções sobre o membro na rede. Para se ter uma breve percepção do

---

<sup>2</sup> Uma descrição mais detalhada da rede pode ser encontrada na tese publicada: FIGUEIREDO, Ana Flávia Andrade de. *A dádiva das viagens: do cosmopolit(an)ismo discursivo a uma práxis transcultural*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Recife: O autor, 2014.

ideário, a missão promovida pela organização até 2006, então com cerca de 90.000 membros, foi: “showing that the world is smaller than you think”. Naquele ano, um colapso em seu sistema de dados gerou dúvidas com relação à continuidade do projeto<sup>3</sup>, e uma colaboração intensa de seus voluntários significou a reconstrução da plataforma. Isto gerou uma mudança na sua forma de projeção através da missão: “Participate in Creating a Better World, One Couch at a Time”. Além disto, membros voluntários foram responsáveis pela criação de ferramentas de interatividade e desenvolvimento do *site* até meados de 2011. Além deste fato, desde o início até os dias atuais, a organização incentiva os membros a envolverem-se na difusão da missão do projeto, tornando-se um embaixador. Além de participar e gerar encontros presenciais entre viajantes e locais, o embaixador voluntário deve promover “os valores que encarnam o espírito do CouchSurfing”. Os embaixadores são considerados os representantes do CS<sup>4</sup> onde eles vivem, e participavam ativamente de discussões que determinam a visão e o curso do projeto. Havia quatro níveis de embaixadores: nômades, de cidade, do país e globais, cada qual com seus deveres e responsabilidades.

Porém, vale ressaltar que com o aumento de 350 mil participantes em 2007 (ano de inscrição desta autora com fins, inclusive à época, do desenvolvimento de sua dissertação de mestrado) para mais de 6 milhões em 2013, discussões internas e desconfortos por parte de integrantes mais antigos e apoiadores do discurso organizacional foram potencializadas. Criada como um projeto sem fins lucrativos (mantido com doações de integrantes), com estrutura pequena e com características bastante colaborativas em sua formatação, a rede ganhou nos últimos anos outros ares administrativos. Em 2011, segundo anúncio feito por seu idealizador, tornou-se uma *B-Corporation*, ou seja, o Couchsurfing deixava de ser uma entidade non-profit public charity para uma for-profit C-Corporation com uma B-Corp certification. Além disto, o recebimento de \$15 milhões em fundos por firmas de investimento privado despertaria negativas reações de seus mais experientes e participativos membros.

Quanto a metodologia empreendida, esta foi se desenhando ao longo dos anos. Embora uma proposta inicial tenha sido definida, os sujeitos e o próprio contexto institucional do campo foram tomando forma e indicando caminhos a serem seguidos. As leituras acompanharam a presença em eventos (meetings), entrevistas e em contatos virtuais na rede aqui destacada. Duas linhas de campo foram tomadas, sendo uma mais presencial e outra que se desenvolveu permanentemente no campo virtual. Narrativas de integrantes de distintos

---

<sup>3</sup> Atente-se para o fato de que neste período o nome da rede era Couchsurfing Project.

<sup>4</sup> Forma abreviada a que muitos membros se referem e que também utilizaremos ao longo do trabalho.

países foram coletadas em diferentes espaços: a partir de entrevistas pessoais, por email ou Skype<sup>5</sup>; por uma revisão de perfis definidos como amostra por indicarem sujeitos com maior experiência dentro da rede, assim como por uma tentativa de mesclar gênero, idade, formação, número de línguas faladas, disponibilidade para hospedagem, número de viagens etc. A partir de postagens em grupos e fóruns de discussão vinculados diretamente à rede, foram identificadas recorrências que subsidiaram reflexões sobre os papéis dos grupos e as formas de participação de membros mais antigos e experientes. Foram definidas como cidades locus de pesquisa, Recife – cujo crescimento do grupo foi acompanhado desde o mestrado - e Porto em Portugal, buscando apreender se o padrão colonizador do pensamento, difundido por estruturas centristas de poder, seria percebido de diferentes formas entre um locus historicamente vinculado a um bloco difusor e outro historicamente situado (por quem?) como simples receptor.

Quanto às ressonâncias decolonizadoras, trata-se muito especialmente daquilo que Grosfoguel aponta: uma cartografia de relações de poder global que confronta a dimensão do “mundo europeu/ euro-norte-americano moderno/ capitalista colonial/ patriarcal”. Como, muito especialmente, aqueles sujeitos tripeiro-portuense-europeu-global e recifense-pernambucano-sulamericano-global, cravados de experiências de viagens íntimas, profundas, que transcendem o estranhamento do homem consigo, com seus imprintings ideológicos, sociais, culturais, biológicos, percebem e se posicionam. Que cosmo ou centrista visão estão perpetuando?

Vale ressaltar que como os caminhos percorridos entre viajantes mais experientes são complexos, com diversas multiplicidades de territórios que por vezes se reencontram e em outras produzem novas conexões e bifurcações, também optamos por considerar, enquanto corpo de dados da pesquisa, narrativas e discussões promovidas por integrantes experientes de outras cidades e países.

Do ponto teórico-referencial, importante ressaltar que o diálogo com a perspectiva da autonomia trazida por Castoriadis, da identidade, por Edgar Morin e, ainda, as provocações trazidas pela teoria decolonial foram fundamentais, pois aqui estava entrando efetivamente no campo da casa, da troca entre hóspede e anfitrião, das ressonâncias identitárias, dos vínculos que se observava, constituía e alimentava um olhar transcultural *ou* meramente reprodutor de

---

<sup>5</sup> O Skype é um programa que permite fazer ligações de voz e vídeo entre computadores. Isso permitiu que estando em Recife ou Diamantina, Minas Gerais, pudesse conectar alguns membros da rede. Não foi utilizado muitas vezes, mas não deixou de ser uma ferramenta importante..

imagens e discursos multiculturalistas (no sentido que Slavoj Žižek dá ao termo) ou cosmopolitas.

Para o agir decolonial, a autonomia instituinte dos sujeitos é fundamental e deve ser compreendida dentro de um contexto de profundas transformações identitárias e institucionais. Assim, neste artigo, trago um recorte da pesquisa focado na reflexão sobre como as relações dos sujeitos com as viagens e o acolhimento (ou inospitalidade) vivenciados durante as mesmas podem tanto reacender estereótipos e fortalecer intolerâncias, assim como potencializar outro pensar e outro agir político diante das imposições, restrições e simulações de tolerância atuais. Um pensar e agir que fomenta a diversidade enquanto projeto universal e não relativista.

### **Da autonomia e do conhecimento tecido em conjunto**

A lógica identitária, assim como imaginária, é baseada na indeterminação. Neste sentido, o sujeito carrega consigo uma constante tentativa de completude, trazendo para si o próprio confronto dos seus limites e tragédias, sua irreduzível individualidade (enquanto ser recursivo que se curva sobre si mesmo) e sua insuficiência (enquanto ser aberto irresolúvel nele mesmo) (Nogueira, 1998). É a partir de sua relação com o Outro, que este mesmo sujeito pode reconhecer-se, definir-se, pensar-se, existir.

Este Outro, simultaneamente, é também aquele que observa, isola, define e pensa o sujeito. Tecidos em conjunto e recursivamente, este Outro não assiste a tudo passivamente, ele reivindica também sua humanidade, transgride, subverte as armadilhas da exclusão e faz repor o imaginário em sua função criativa plena (Nogueira, s/d).

Aponte-se então a necessidade de se romper com as concepções redutoras do humano, enquanto homo faber e homo economicus. Edgar Morin, ao falar do humano, esclarece que quando o faz quer se referir, em verdade, à trindade indivíduo-sociedade-espécie, religando dimensões complementares, antagônicas e concorrentes do humano, sem hierarquizá-las, mas as compreendendo enquanto cíclicas. Primeiramente, Morin entende que a autonomia viva depende do seu meio exterior, de onde tira energia, organização e conhecimento, pois este meio pode constituir suas limitações, obstáculos, mas igualmente nutre-o com as condições de

sua autonomia; já na relação entre a espécie (genes, reprodução) e o indivíduo, o circuito é de geração e regeneração, produto e produtor, ou seja, de uma dependência dialógica.

O autor percorre ainda um caminho de indagações além do império dos meios e dos genes, pelo das influências sociológicas, históricas e das ideias, para refletir sobre a construção do sentido de autonomia e liberdade. Sentidos que neste artigo tornam-se chave e operadores de importantes reflexões trazidas pelo campo etnográfico: a “liberdade para viajar” que muitos se perguntam sobre aqueles viajantes mais frequentes... dinheiro, tempo, perfil do trabalho... a liberdade relacionada a sistemas políticos, a liberdade de percorrer diferentes mundos.

Libertar-se de diversas “amarras” do sistema-mundo (dos medos relacionados ao atravessar fronteiras, limitações de tempo, de consumo, de *status*, de violências de toda ordem), são questões que circulam entre os sujeitos e em postagens na rede aqui pesquisada. Autonomia para decidir aonde ir, autonomia para dialogar e tecer o conhecimento em conjunto (sobre o caminho que se percorre, sobre os lugares que se visita, sobre a própria cidade, sobre os anseios do humano). Por isso faz-se importante destacar:

[o diálogo] implica um fluxo em sentido duplo e simultâneo, possibilitando que uns cedam espaço aos outros, que todos, qualquer que seja a diversidade de seus pontos de vista, possam ir e vir nos caminhos das inter-relações e possam assim interagir melhor [...] com vistas à completude da apreensão do mundo. (Castro; Dravet, 2004, p.16)

Tal horizonte de completude sustentado por uma diversidade de pontos de vista e da cessão de espaço, ainda permanece timidamente na prática cotidiana. Morin entende que o verdadeiro diálogo se dá quando se reconhece para o outro a mesma dignidade num espaço em que se supõe a igualdade<sup>6</sup>. Mas a pulsão por tal religação de saberes nem sempre podia ser claramente percebida nos diálogos travados entre csers e especialmente entre hosts e guests. Como Mauss já esclarecia: o receber dá a quem recebe o sentido da obrigatoriedade em retribuir. O dom absolutamente desinteressado não se mostra em sua completude. Logo, em um espaço em que as hierarquias entre o dar e receber estavam efetivamente demarcadas, tal diálogo se tornava mais difícil, o que não acontecia quando entre o dar e receber os atores e os bens trocados se tornavam pouco definíveis. Assim, os elementos que por vezes marcavam

<sup>6</sup> MORIN, Edgar. *O diálogo supõe a igualdade?* In: CASTRO; DRAVET, 2004.

entrelinhas de perfis de integrantes, conversas e entrevistas, pendiam tanto para uma perspectiva dialógica, como também, em muitas ocasiões, para o distanciamento ou relativismos quanto a pontos de vista diferentes. Isto gerava por vezes a tentativa de evitar temas mais polêmicos como política e religião.

Mas o evitar do conflito, ao invés de possibilitar o vínculo, gera tanto os distanciamentos, já mencionados, assim como reforço de estereótipos. Alguns entrevistados relatavam que se sentiam incomodados, principalmente nas primeiras experiências no Couchsurfing, de falar com seus hóspedes ou anfitriões ou estabelecer algumas regras mais explícitas dentro de casa ao receber. Isto repercutia diretamente em como construíam imagens sobre os locais de origem dos membros. Entretanto, a maioria também narrava que ao ganharem experiência e se tornarem à vontade para conversar, as imagens iam se alterando e provocando uma autorreflexão sobre suas dúbias preconcepções. É preciso suspender-se momentaneamente para poder ouvir e ser possível tecer o conhecimento com o Outro. Abertura e conhecimento são peças-chave da autonomia e dos processos de formação de identidades transculturais.

Do questionamento do Outro, perguntava-me em que medida tal situação reverberava na relação indivíduo e sociedade. E em que medida tais enfrentamentos e reflexões abriam espaço para a emancipação de ambos. No contexto sociológico, reencontra-se aqui a ambivalência da relação entre sociedade e indivíduo, na qual “ela [a sociedade] submete o indivíduo, mas ele também pode emancipá-la” (Morin, 2002, p.276). De fato, “o indivíduo só é eminentemente livre na medida em que é capaz de contestar a sociedade” (Morin, 2002, p.276). Assim, para Morin, autonomia e dependência estão intimamente ligadas, visto que para o autor não há autonomia independente de seu meio exterior. A exterioridade é o que fornece conhecimento e elementos para sua faculdade de julgar, para além de uma concepção linear de causalidade. Desse modo, a livre consciência está diretamente ligada à capacidade de problematização e esta é fruto do exercício constante de comunicação entre indivíduo e sociedade e da religação e transversalização de saberes.

Para tanto, é preciso que os sujeitos construam espaços mais autônomos de interação e que sua relação com o que lhe é estranho seja permanentemente refletida, que seu posicionamento perante a exterioridade não separe o corpo (da experiência vivida, sentida) de si. Diariamente se é confrontado com valores e caminhos institucionalizados (imaginários instituídos) que são postos como resultado de imagens de uma globalização dita democrática, porém, fragmentadora, de uma racionalidade produtivista, tecnoburocrática, e sua superação

perpassa a emancipação de práticas baseadas em uma reciprocidade que estimule novos ciclos solidários.

O quadro a seguir foi pensado a partir desta tensa mediação - de práticas instituídas e instituintes – potencialmente provocadas pelas viagens, e alimentadas pelas experiências observadas entre os sujeitos diretamente vinculados ao presente trabalho (e que na III parte serão mais especialmente apresentados). No quadro a seguir, busquei identificar características de colonialidade e de descolonialidade nas respectivas dimensões ontológicas<sup>7</sup> dentro de um contexto das viagens e do turismo, evitando a lógica simplesmente opositiva, e refletindo através de uma tensão constante entre suas forças.

**Quadro 1 – Características de colonialidade e descolonialidade no contexto das viagens e turismo**

| DIMENSÕES ONTOLÓGICAS | COLONIALIDADE                                                                                                             | DESCOLONIALIDADE                                                                                                                                                     |
|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Saber</b>          | Eurocentrismo                                                                                                             | Questionamento do eurocentrismo                                                                                                                                      |
|                       | Neutralidade do saber                                                                                                     | Saberes contextualizados e incorporados                                                                                                                              |
|                       | Hegemonia de um saber específico                                                                                          | Conjugação de diferentes saberes no sentido de melhor informar uma prática transformadora                                                                            |
|                       | Espectador dos canais de comunicação                                                                                      | Coprodutor dos canais de comunicação (especialmente no ambiente ciber) e consequentemente da difusão de informações e saberes.<br>Inteligência coletiva <sup>8</sup> |
|                       | Saber doutrinário e individualista                                                                                        | Saber que gera responsabilidade                                                                                                                                      |
| <b>Poder</b>          | Hierarquização e alta concentração das decisões político-institucionais.<br>A centralidade do poder gera miopia política. | Práticas de democracia radical interna e externa (redes, articulações). Mobilizações;<br>Ecologia Política <sup>9</sup>                                              |

<sup>7</sup> Guias de análise também propostas por Martins e Benzaquen (2013), no âmbito do Núcleo de Epistemologias do Sul Global, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>8</sup> Na perspectiva de Pierre Lévy, para quem a inteligência coletiva pode proporcionar uma maior democracia dos saberes a partir do intercâmbio “em tempo real” de informação, gerado especialmente pela cibercultura.

<sup>9</sup> Como nos termos da ecologia dos saberes de Boaventura, a penso como uma profusão de espaços, tempos, sujeitos sociais, imaginários e ações propulsoras de um pensar político macroscópico, sistêmico, complexo. Vale frisar também que o instrumento simbólico do macroscópio foi forjado por Joel de Rosney, para o qual era complementar ao microscópio e ao telescópio, instrumentos de observação do infinitamente pequeno e do infinitamente grande.



|            |                                                                                                                  |                                                                                                                                              |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|            | Geopolítica das fronteiras, globalização, tecnoeconômica                                                         | Reconhecimento e valorização da diversidade de culturas, empoderamento de minorias marginalizadas e da noção de “Terra pátria” (Edgar Morin) |
|            | Conflitos são percebidos como politicamente localizados                                                          | Conflitos são percebidos como parte de uma lógica desenvolvimentista, opressora, excludente, global.                                         |
|            | Individualismo                                                                                                   | Solidariedade, Coletividade                                                                                                                  |
| <b>Ser</b> | Identidades que fixam e subjagam                                                                                 | Conquista da Autonomia, a partir do espaço da criação/imaginação instituinte (Castoriadis)                                                   |
|            | Sujeito consumidor, distanciamento dos vínculos com as pessoas e lugares. Mercantilização do Ser                 | Sujeito crítico, protagonista, fortalecimento e criação de vínculos com pessoas e lugares.<br>Circuitos de Dádiva                            |
|            | Relativismo cultural. Multiculturalismo (tolerância da diferença)                                                | Diálogo, <b>Transculturalidade</b> (respeito à diferença) e processos de desenraizamento                                                     |
|            | Cosmopolitismo. O turismo representa a inserção do sujeito na sociedade globalizada, mas sob a ótica do consumo. | Viagens como caminhos de troca, conhecimento, transformação pessoal e de visões de mundo.<br><i>Cidadania Planetária.</i>                    |
|            | Cisão Natureza-Cultura                                                                                           | Compreensão do sujeito complexus                                                                                                             |

Fonte: elaboração própria, 2013.

Alimentar amplos debates sobre tais apostas constituem mais um desafio para as ciências sociais na sua relação com as viagens e o turismo. Percorrer o mundo envolve uma reflexão crítica que poucos estão dispostos ou conseguem desenvolver, sobre de onde partem, a intimidade que compartilham e seu papel sobre os locais que “ocupam”. Mas este é um percurso que cada vez mais tem emergido das experiências de viajantes que buscam novas formas de dar sentido aos hiatos que ações colonizadoras provocaram durante tantos séculos.

Entre os entrevistados, as viagens, e efetivamente a abertura de suas casas, geram uma constante autorreflexão sobre si e o mundo, embora de diferentes formas – ora gerando uma percepção de realidade próxima mais atenuante perante a comparação com aquelas em que teve contato, ora problematizando o próprio ser humano (diverso e uno ao mesmo tempo).

Essa capacidade de problematização, claramente muito atrelada à história de vida de cada um, também estava conectada com os perfis de experiências de viagem vivenciadas.

Embora percebesse certo distanciamento entre conteúdos de perfil de membros com discursos voltados a “meet different people, different cultures, different points of view” e suas práticas, mesmo em pequenos eventos na cidade, era na abertura para aceitar ou procurar não apenas alguém ou algum lugar “mais familiar”, “mais próximo com suas próprias características”, que configurava a aposta no diferente, no incerto, e isso possibilitava diferentes formas de troca e aprendizado.

A compreensão de si apenas se dá com o outro, a partir do outro, em conflito, consonância, separação, união com este outro. Ora, produzimos a sociedade que nos produz, mas isso não quer dizer que tudo se resuma a uma perspectiva determinista, ao contrário,

não devemos esquecer que somos não só uma pequena parte de um todo, o todo social, mas que esse todo está no interior de nós próprios, ou seja, **temos as regras sociais, a linguagem social, a cultura e normas sociais em nosso interior. Segundo este princípio, não só a parte está no todo como o todo está na parte.** Isto acarreta consequências muito importantes porque, se quisermos julgar qualquer coisa, a nossa sociedade ou uma sociedade exterior, a maneira mais ingênua de o fazer é crer (pensar) que temos o ponto de vista verdadeiro e objetivo da sociedade, porque ignoramos que a sociedade está em nós e ignoramos que somos uma pequena parte da sociedade. **Esta concepção de pensamento dá-nos uma lição de prudência, de método e de modéstia.** (Morin apud Martins; Silva, 1999, grifos nosso).

Recordo também aqui Castoriadis, para quem o imaginário social é construído com o compartilhamento de instituições particulares e significações imaginárias da sociedade. A sociedade e suas instituições particulares, conjunto de múltiplas linguagens, modos de fazer e pensar constitui uma unidade nas diferenças. O que o ser humano produz não pode ser entendido como próprio e único a ele, mas como parte da teia que o faz ser social e, assim, do que ele apreendeu em sociedade. Uma parte alimenta a outra produzindo uma soma maior que a simples junção das mesmas, com todas as suas indefinições.

Castoriadis, para quem a autonomia é instituinte, ou seja, é elemento chave da criação e não simplesmente da utilidade das instituições sociais, considera que não há - sociedade ou indivíduo – autônomo que não se volte para si, não se interroge sobre os próprios motivos, as próprias razões de agir, as próprias tendências profundas. Para o autor, “*a compreensão de cada um por si mesmo é uma condição necessária da autonomia*” (2004, p. 152) e, ao mesmo tempo, quanto maior a autonomia, mais aberto se está para o Outro, para o diálogo. De forma semelhante, Morin afirma que quanto mais ampla é a consciência, mais ricas são as liberdades possíveis, pois entende que a consciência é o metaponto de vista reflexivo de si sobre si, de

conhecimento do conhecimento, é a condição do valor moral e intelectual da própria liberdade humana.

eu sou, eu sou aberta demais! Mas quando eu digo mundo eu estou exteriorizando algo que não está comigo. É algo assim, eu vou pro mundo! Então essa coisa do mundo pra mim é algo fascinante! Eu vou me dar, eu vou pro mundo. Qual a minha relação com o mundo? Eu sou cidadã do mundo. O mundo dos outros. Quando eu digo eu vou pro mundo, mundo, mundo. O mundo é aquilo que não tá em mim. É aquilo que me vai fazer descobrir algo novo. Sabe? É o mundo. Eu vejo o mundo como algo fascinante. Fascinante. Eu tenho fascínio pelo mundo. Eu tenho. E não é maior que o mundo, mas o meu quintal eu acho que é do tamanho do mundo. Meu quintal. Aquilo que eu carrego dentro de mim, dá todo mundo. Dá tipo assim, todo mundo eu aceito. Pode ser assim. Eu tenho uma abertura muito grande., pro mundo. Agora, essa abertura... é como você falou, eu não sei se é positivo ou negativo. Quando você tem tanta abertura assim, e você quer voltar, é difícil. Essa abertura, eu não posso dizer se é positiva ou negativa. Mas que eu tenho essa abertura com o mundo eu tenho. E o mundo é isso, são os outros. É outra cultura, é aquilo que não me pertence, é o mundo. E eu sou do mundo, porque eu posso ser eles também. Porque eu estou aberta a eles, entendeu? (ex-membro da rede, da cidade de Recife, foi membro entre 2005 e 2011).

No trecho acima, há uma reflexão sobre o sentido da abertura e a dúvida sobre até que ponto tal postura, da forma como é apresentada, é positiva, se não seria capaz de se tornar uma forma de barreira ou exoneração de si. Dravet (2004)<sup>10</sup> alerta: um pseudo-integracionismo já nos mostrou, entre outras estratégias, o fracasso das relações interculturais construídas sobre bases falsas de um suposto conhecimento do outro, da cultura, da diversidade, das diferenças. Não quero dizer que a abertura exposta acima siga uma postura pseudointegracionista, muito pelo contrário. Mas também é certo que precisamos - todos - ficarmos atentos ao fato de que para além de um compromisso de consentimento ou respeito ao outro é preciso que haja, além do reconhecimento, a aceitação do outro como legítimo outro, como afirma Maturana (1998)<sup>11</sup>. A abertura é também o próprio laço de anseio que me liga a ela.

Quando “olhamos o outro, nos reinventamos nas figuras que o outro cria de nós mesmos” (REZENDE, 2006, p. 40). Isto representa diretamente a capacidade de criação instituinte – que enxerga a ação como possibilidade e não como determinação-, portanto, que

---

<sup>10</sup> No capítulo: *Acolher o desconhecido*. In: CASTRO; DRAVET, 2004.

<sup>11</sup> MATURANA, Humberto. *Emoção e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ultrapassa aquela extraordinária reunião de instituições que faz, por exemplo, que falemos uma língua e não outra, que reconheçamos um ritual iniciático e não outro, uma bandeira e não outra. Para a criação instituinte, é necessário repor o imaginário em sua abertura criativa plena, para que possa ser operador de novos – e equitativos - cenários e sentidos globais.

Morin e suas contribuições quanto à compreensão do complexo humano, assim como Castoriadis e sua defesa da autonomia que se constrói abertamente com o Outro, são fundamentais para buscarmos outro olhar sobre a formação de identidades para além de uma perspectiva comunal e imaginada. Não que estas não tenham sua força, mas queria aqui tratar, antes, da identidade a partir das noções de autonomia e liberdade, para partindo de tal construção reflexiva, observar no campo elementos que apontassem características trans ou metanacionais.

### Identidades Transculturais

O "um" pode ser "múltiplo", e o "múltiplo" é suscetível de unidade, nos recorda Morin. A noção de Identidade, tão amplamente descrita, debatida e confrontada por pesquisadores e pensadores no último século, pode ser posta na relação entre suas múltiplas possibilidades e o que ao indivíduo gera sentidos de pertencimento. A composição “eu sou daqui, mas também de outros lugares” exacerba conflitos, primeiramente porque a identidade é mais do que a expressão do lugar onde se nasce e, além disso, não nos resumimos aos nossos pertencimentos.

Entre a despolitização e o enxergar do momento político atual, de permanência dos abismos sociais internos e externos à sua realidade de entorno mais direta – será uma questão de opção. E de aposta.

Assim, destaque-se que a possibilidade da construção de consciência de culturas outras, dá origem a uma “consciência de dimensões simultâneas”. Para Edgard de Assis Carvalho,

As diferentes culturas são, necessariamente, complementares entre si, mesmo que cada uma delas revele uma práxis e um conjunto de práticas particulares, relativas, diferenciais. **Todas essas diferenças expressam modalidades simultaneamente universais-singulares** do viver em sociedade, do diálogo com as tradições, das antecipações do futuro. (Carvalho, 2005, p. 46, grifo nosso)

Uma compreensão simultaneamente universal-particular, de diferenças na igualdade. Eis o cruzamento essencial. Atravessar culturas, experimentando-as, costurando-as, alimentando-as... gera um tipo de desenraizamento que destaca não uma separação, mas a imagem do sujeito pátrio.

Neste sentido, aciono novamente Todorov (1999) quando afirma que sair de um isolamento no interior da identidade e ser obrigado a falar com seres diferentes leva cada um a não se tomar muito o centro do universo, injetando certa dose de tolerância. Daí a importância das viagens e da desconstrução de barreiras geográficas, históricas e culturais. Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o “outro”. Na viagem, pode-se experimentar, ainda que de forma limitada, os prazeres, os acasos, as incompletudes e as inseguranças – da instabilidade e da precariedade da identidade (Silva, 2000, p. 88). A viagem envolve viver o acaso, estranhar, desenraizar-se... “amar o transitório” (Carlos Pena Filho). Ir além da memória material para mergulhar na memória afetiva insistentemente significada, reapropriada.

É preciso assim, em certa medida, distanciar-se dos próprios valores, para que se possa não naturalizá-los. Estranhar permanente a própria sociedade para que não seja aniquilada, ao contrário, para que seja possível cultivar o “Jardim Imperfeito” (Todorov). Deve-se ainda abandonar a visão que faz do homem o centro do mundo, e salvaguardar a visão humana de aceitação do Outro como legítimo Outro - na convivência, na troca cotidiana - ampliar a consciência de finitude e mortalidade, fundamento básico da instauração de uma **cidadania terrestre** consistente e revista (Nogueira, s/d, grifo nosso).

Importante ainda ressaltar que o migrante, o exilado, o viajante, ao se deslocarem, são chamados sempre a se colocarem sobre o “de onde você é”, muito mais do que sobre o “entre onde você está”. Tal situação inquieta, e vai à contramão da globalização hegemônica, pois ao se incomodar com uma ideia de pertencimento apenas ou principalmente nacional, o sujeito tanto impulsiona o rompimento de fronteiras como suas espiraladas reconstruções.

[Ser brasileira...] Existe uma cobrança, no momento em que, por exemplo, eu não sei cozinhar nada. Nem ovo, se brincar, cai a casca do ovo. É horrível isso, mas é verdade. E assim, sempre há uma cobrança, “ah, faz um prato brasileiro, mostre sua cultura”. E assim, eu não danço samba, sabe? Eu não

danço samba. E falo sempre pra eles, eu sou a pior brasileira que você poderia hospedar. Não danço samba, não sei cozinhar. Mas assim, eu sou brasileira, e carrego muita coisa do Brasil em mim. Há uma cobrança. Acho que há. Porque é uma cobrança natural das pessoas, pra que aquela pessoa se apresente, apresente a sua cultura [e aqui percebo a noção de cultura como sinônimo de nacional]. Todo mundo quer saber um pouco. Se você recebe aqui um belga, você quer saber um pouco da cultura dele. Mas se aquele belga não for tão belga? (ênfase) E aí, como é que fica? Complicado né?

[Cria ou reforça certos estereótipos?] Eu acho que se você tem uma intimidade você ajuda a quebrar o estereótipo. Porque você já passou um primeiro contato do que seria um belga em si. Um belga como eu, como você, como um japonês e como um finlandês. Enfim, ele é uma pessoa. Você começa a enxergar além da cultura, a enxergar a pessoa. Então ajuda a quebrar estereótipos que belga é assim, que fulaninho é assado, que cicraninho é assado. No fundo somos todos pessoas, somos todos seres humanos. Com as mesmas ansiedades, com os mesmos problemas. Então, se você começa a ter um contato mais profundo, você consegue romper a barreira... (ex integrante de Recife, ex-embaixadora, em entrevista concedida em sua residência em julho de 2012)

Assinala Said, que o nacionalismo, enquanto experiência compartilhada cultural e politicamente, é uma declaração de pertencimento – a um lugar, a um povo, a uma herança cultural; mas o exílio, fruto da negação desta mesma nação, é uma solidão vivida fora deste lugar, deste povo, desta habitação comunal. Há o temeroso território do não pertencer, há a necessidade de reconstruir uma identidade a partir de refrações e descontinuidades “para transformar a lírica da perda no drama infinitamente adiado da volta” (p. 52), e há a recusa da margem.

O exilado sabe que, **num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade.** O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência (Said, 2003, p. 58, grifo nosso).

Outra passagem belíssima de Said, extremamente rica para as reflexões que aqui se fazem presentes, é quando ele remete às palavras de Hugo de Saint Victor, um monge da Saxônia do século XII que reproduz em parte: “[...] O homem que acha doce seu torrão natal ainda é um iniciante fraco; aquele para quem todo solo é sua terra natal já é forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira [...]” (apud SAID, 2003, p. 58). A questão central nesta passagem reside na transcendência dos limites nacionais ou provinciais, mediante apegos, e não o inverso. Reside na compreensão de que enquanto o mundo inteiro é

uma terra estrangeira, inclusive sua terra natal, se reconhece a alteridade e legitimidade deste território em toda sua completude e, ao mesmo tempo, incompletude, pois, incerto, legitimamente Outro, repleto de referências a apreender, o território estrangeiro convida a um permanente ciclo de troca.

[...] penso que as fronteiras são uma criação administrativa. Todos somos muito parecidos e muito diferentes, sinto que fazemos parte de um todo. (cser de Porto, membro desde 2008, em entrevista por email em novembro de 2013)

Uma identidade fixada seria um verdadeiro fardo, repressão para consigo e uma significativa perda de autonomia. O imaginário da viagem - este movimento e arcabouço que nos informa e impregna individualmente e coletivamente - subverte a tendência da identidade à fixação. Daí o ser humano também buscar seu inverso como estratégia ou oportunidade de constituição de outros laços, menos rígidos, de transnacionalismos.

A relação nacional-transnacional é eminentemente central no contexto atual de conflitos geopolíticos, de tensões estatais e de mobilizações sociais internas que – ao menos em parte – parecem pertencer a um tabuleiro de xadrez do sistema-mundo. O estrangeiro, turista ou migrante, representa uma “ameaça” à manutenção rígida das ideias envoltas da nação. Por isso permeia uma série de códigos escritos e não escritos de hospitalidade, por mais que deles se escape porque é justamente a hospitalidade, enquanto dádiva e sacrifício, que nos leva além do código, que nos leva a dar um pouco mais e a estabelecer com este Outro estrangeiro uma troca simbólica que fere muitas vezes os princípios de uma comunidade nacional imaginada.

Tais processos de construção de identidade vão diretamente repercutir no desenho de sociedade que se constitui, porém, sem abster o fato de que simultaneamente são [tais processos] também reflexo das mesmas, gerando um movimento cíclico e espiralado que se forma a partir de distintas variáveis. Modos de representar pertencimento a unidades socioculturais e político-econômicas estão sofrendo impactos de novas forças transnacionais e experimentam um período de transição onde instituições e modelos anteriores revelam-se insuficientes para dar sentido ao mundo.

Apostas são “simples” apostas até que possamos ter a plena liberdade de escolha de as assumirmos. Para o exercício da liberdade, em primeiro lugar, é preciso que se tenham as condições de compreensão, materiais, físicas e emocionais para que se aja segundo suas

decisões. Ora, assumir escolhas que requerem agir na contracorrente e assumir práticas que estão à margem dos projetos neoliberais de desenvolvimento requer compreensão e autonomia de pensamento que, em si, são revolucionárias porque se contrapõem à heteronomia<sup>12</sup>.

O imaginário é este movimento e arcabouço que nos informa e impregna individualmente e coletivamente, pode-se dizer que o imaginário das viagens, sendo estas compreendidas em sua dimensão total, ritual, simbólica, pode ser revelador da percepção de mundo que se tem construído e de práticas cotidianas de encontro ou total distanciamento para com o outro, tensamente geradas. E tendo em vista que a experiência da viagem está diretamente relacionada à construção deste “ser” turista, suas intersecções com o meio e com outros sujeitos, os sentidos do corpo - da escuta, da visão, do tato, da fala - se entrecruzam produzindo uma percepção experiencial inacabada e sempre distinta. A proximidade faz com que se vejam várias pessoas em uma, no contato com o outro, mescla-se o idealizado com o percebido, a imagem com a ação. Estranha-se o outro, mas é fundamental que este olhar de estranhamento também seja atribuído a nós mesmos, para que uma autocrítica seja permanente, de valores, conceitos etc.

Assim, o estranho e o estrangeiro servem de intermediários com a exterioridade, e a viagem aqui é tomada como sua grande metáfora. Metáfora porque sendo o caráter eminentemente da identidade a sua fluidez, mobilidade, as metáforas podem constituir-se em ferramentas

capazes de animar e dá força cognitiva às desconstruções, reconstruções e biodegradabilidade que cercam as **cosmovisões que os homens sempre elaboram sobre eles mesmos e que não se esgotam com a arrogância e a territorialidade dos saberes científicos**. (NOGUEIRA, s/d, grifos nossos)

A autonomia envolve a capacidade do humano em responder suas tragédias diárias, romper com as limitações impostas e ter a audácia do questionamento, o que produz, por contrapartida, a responsabilidade para com a história que se constrói e se protagoniza. Mas ainda, questionar as instituições e as significações estabelecidas obriga o indivíduo a constituir uma perversa minoria. Perversa porque o isolamento ou mesmo a sensação de fragmento, mina e pulveriza forças, ao invés de multiplicá-las. O acompanhamento de narrativas de membros do Couchsurfing, ao longo de cerca de seis anos, assinala que as viagens são, certamente, potencialmente canais de elucidação e oportunidades de emergência da criticidade. Pois elas podem tornar-se um afastamento fundador, iniciático, um instrumento

<sup>12</sup> Para Castoriadis, o fato de pensar e agir como a instituição social impõe, abertamente ou não.



de passagem e religação com o Outro. Conhecer o mundo também é dá-lo a conhecer (Dravet apud Castro; Dravet, 2004).

### **O acolhimento como ação descolonial**

Certamente o tempo e o investimento necessário para uma compreensão das diversas possibilidades trazidas no campo das viagens são contínuos. Esta é uma reflexão de um *corpus* marcado no tempo e no espaço, mas nem por isso destituído do todo que carrega enquanto parte uma ação descolonizadora. Enquanto pesquisadora interessava-me não apenas identificar discursos transculturais ou cosmopolitas, mas compreender em que dimensão de diálogo e, portanto, de teias de significados, fluíam e ressoavam as imagens que constelavam em torno de uma universalidade e de uma ideia de global nas práticas cotidianas dos viajantes que experienciam a abertura de suas casas para o “estranho”, a incerteza sobre o que conseguirão receber e compartilhar, e a hospitalidade traduzida no acolhimento do outro. Daí, algumas questões iniciais.

Quando trato de teia de significados, estou me remetendo a David Bohm para quem o significado compartilhado é a “cola” que mantém juntas as pessoas e a sociedade (daí a constante necessidade observada entre os integrantes da rede em constantemente retomar imagens, falas e ideias de viagem, de experiências e acolhimentos). Sobre o diálogo, também Bohm fornece importantes esclarecimentos: o diálogo contrasta diretamente com a palavra discussão. Nesta, as pessoas lançam ideias para lá e para cá “e o objetivo do jogo é ganhar ou somar pontos para cada participante. É possível que você aproveite as ideias dos outros para nelas basear as suas – você pode concordar com um e discordar de outros –, mas o ponto fundamental é ganhar o jogo. [...] Num diálogo, contudo, ninguém tenta vencer” (p.34). Não há tentativas de fazer prevalecer visões de mundo individuais, tornando possível a emergência de novas compreensões. Frequentemente, em fóruns de discussão acompanhados no Couchsurfing, propostas iniciais de diálogo se tornam extensas discussões, embora sejam motivadas pelo enlaçamento de informações até então fragmentadas e aparentemente desconexas que ao gerar conflitos podem ora exaltar contextos particulares político-econômico-sociais, ora permitir atravessar contradições e pressupostos que são defendidos e por vezes ressignificados, justamente quando questionados.

As imagens que constelam em torno de uma universalidade e de uma ideia de global estiveram muito presentes na organização, especialmente quando se apresentava e constituía enquanto projeto compartilhado entre voluntários técnicos, embaixadores, guests e hosts por todo o mundo. Ao se firmar enquanto corporação e deixar para trás um caráter não lucrativo, o couchsurfing impacta de distintas formas a visão sobre a comunidade por seus membros, pois para alguns, enquanto suas experiências de acolhimento e compartilhamento em suas viagens puderem permanecer, as decisões organizacionais tomadas não o interessam, ao menos por ora. Para integrantes antigos e ativos na rede do ponto de vista voluntário, o projeto couchsurfing também se constituía (ou foi se constituindo) para si em projeto político, pois o entendiam como importante difusor de intercâmbios culturais e maximização da compreensão e tolerância entre povos. São vários os relatos colhidos sobre como os sujeitos se percebem mais tolerantes e desapegados a questões puramente materiais, a partir da experiência da abertura de suas casas para o “estranho”, e da incerteza sobre o que conseguiriam receber e compartilhar. Neste sentido, a história de vida de cada um se mescla às experiências na rede e fazem construir uma relação ‘cosmopolita’ bastante cautelosa. Quase nenhum afirmou se sentir, de uma maneira enfática, cidadão do mundo (ou qualquer termo correspondente tal como ser global, cosmopolita...). As respostas vinham de maneira tranquila, e seguidas da consciência de que o termo refletiria uma responsabilidade e envolvimento que não foram assumidos, ainda estão desenvolvendo o caminho de autoconhecimento e de percepção mais complexa sobre o sentido de mundo. Sentem mais que suas escolhas tem maior potencialidade de repercussão no seu entorno próximo: amigos e família (especialmente a família acaba se envolvendo de maneira muito positiva).

Sim, sim, eu acho que sim. É claro, depois, é muito relativo. Às vezes eu digo “ih, vi já vi tantas coisas diferentes e já conversei com tantas pessoas diferentes”, depois vem um couchsurfing e já deu a volta ao mundo e já teve nos lugares que a pessoa nem sabe que existe. Pronto. E é assim e é tudo muito relativo. Assim, eu comparada com eles eu não sou nenhuma cidadã do mundo. Às vezes quando tem assim amigos que nunca foram a lado nenhum sinto que sou assim mais privilegiada. Não vão a lugar nenhum porque não querem, é mesmo. E me sinto assim privilegiada e penso e vocês nem sabem o que se passa no mundo. (cser de Porto, membro desde 2006, em entrevista em sua residência em maio de 2013)

O mais interessante é você ver que as coisas não são como a mídia fala. Isso eu acho que é o mais interessante. Você, através das pessoas, vê como realmente elas vivem e não uma coisa criada pela internet ou pela mídia. Procura ver o mundo através das pessoas. [...] Isso aí você só tem realmente com o tempo. Você tipo não chega a uma conclusão dessa em uma viagem ou em uma experiência. Você com o tempo, você... eu entrei em 2007, não

é? Junho ou julho de 2007. Final de junho, quatro anos, não é? Quase cinco. (cser de Recife, membro desde 2007, ex-embaixadora)

Neste contexto, não posso deixar de citar Kant e seu ensaio *A Paz Perpetua*, publicado originalmente em 1795. Neste, Kant defende que os direitos dos homens enquanto cidadãos do mundo em um sistema cosmo político estariam restritos às condições de uma hospitalidade universal. Seria a hospitalidade compreendida como um imperativo cosmopolita e, para alguns pesquisadores, base da noção moderna de um cosmopolitanismo multicultural. O filósofo apresenta um verdadeiro projeto de futuro pautado na relação entre moral e política a partir da constituição de um direito cosmopolítico, e esclarece:

[...] a ideia de um direito cosmopolita não é nenhuma representação fantástica e extravagante do direito, mas um complemento necessário de código não escrito, tanto do direito público como do direito das gentes, num direito público da humanidade em geral e, assim, um complemento da paz perpétua, em cuja contínua aproximação é possível encontrar-se só sob esta condição. (Kant, 2008, p.22)

Por outro lado, Calhoun (apud LIPP, 2012) afirma que o que se apresenta em nossa sociedade são elites ocidentais responsáveis por propagar o mito do cosmopolitanismo generalizado, como uma forma de congratular-se por ser o cosmopolitanismo percebido como moralmente superior e mesmo necessário para o mundo globalizado. A crítica de Calhoun perpassa, entre outros, o fato de que para essa mesma elite, vistos para entrada em países, por exemplo, são facilmente acessíveis, e uma perspectiva global é parte de sua rotina diária. Isso enquanto a grande parte da sociedade ocidental e do mundo oriental não terem permissão ou acesso para viajar ou serem forçados a migrar. Carvalho, em conferência de abertura do X Ciclo Internacional de Estudos sobre o Imaginário assinala:

“É necessário denunciar a ilusão de uma cultura planetária que seria o subproduto da mundialização tecno-econômica”. Essa arguta afirmação de Serge Latouche alerta para os perigos de um pensamento único telecomandado por um ocidente corroído pela arrogância cultural e por uma biopolítica imperial [...]. (Carvalho, 2000, p. 12)

Alguns pesquisadores (tais como Robert Lipp) também destacam a relação entre cosmopolitanismo e a marginalização de movimentos nacionalistas, religiosos e/ou que questionam em suas bases a dependência de instituições sociais. Como pesquisador da relação entre viagens e cosmopolitanismo, Lipp destaca o fato daqueles que chama viajantes

frequentes considerarem culturas locais como restritivas. A cultura (local, nacional) seria percebida como algo menor aos que almejam tornarem-se cidadãos do mundo. “Tornar-se global seria uma emancipação cultural”, na medida em que parte de uma “escolha consciente”.

Em sentido eversivo, Slavoj Žižek desmonta a universalidade neutralizada como falsa! Para o autor, resulta muito mais produtiva, tanto teórica como politicamente, a operação que consiste em identificar a universalidade com a questão da exclusão. Ou seja, em uma sociedade estruturada hierarquicamente, a medida de sua verdadeira universalidade se encontra na forma em que suas partes (e aqui os *csers*, os viajantes sujeitos desta pesquisa) se relacionam com as formas mais próximas de exclusão, neste caso: “somos todos trabalhadores imigrantes”, “somos todos exilados”, “expatriados”, “oprimidos do direito de ir e vir”, “todos temos os mesmos passaportes”... O caráter do conhecimento adquirido a cada contato, a cada viagem e acolhimento, deve ser reflexivo para se opor à violência ao mesmo tempo brutal e sutil de práticas discursivas multiculturais, cosmopolitas.... que apenas tornam veladas as relações com as diferenças em que se defende o “cada um em seu lugar”, hiperrelativista e despolitizado.

Posso dizer que em muitos dos sujeitos desta pesquisa a busca reflexiva deste conhecimento faz parte de seu cotidiano, de maneira consciente, auto organizadora, com forte pulsão imaginária e instituinte. É certo que não posso atribuir tal experiência ao universo de viajantes presentes em uma rede que congrega mais de seis milhões de pessoas em todo o mundo, no entanto, também é fato que a experiência do acolhimento profundo é transformadora. Tal força motriz é uma espécie de enfrentamento, uma ousadia de reinvenção da vida que subverte a lógica do descartável, do encontro descartável, do medo, do universo reduzido de significados ou corrompido por aqueles instituídos de forma hegemônica, da distância violenta para com o outro. Por vezes, o que se percebe é um momento de transição, a mudança está em processo, o estágio da aceitação ou do mergulho no outro como absolutamente outro e ao mesmo tempo parte de mim, não está completa. Mas está lá, está acontecendo, e as experiências vão se somando...

Para o pesquisador Robert Lipp, na relação entre viagens e cosmopolitanismo, destaca-se o fato daqueles que chama viajantes frequentes considerarem culturas locais como restritivas. A cultura (local, nacional) seria percebida como algo menor aos que almejam tornarem-se cidadãos do mundo. “Tornar-se global seria uma emancipação cultural”, na medida em que parte de uma “escolha consciente”. Quanto aos sujeitos da pesquisa, percebo

uma relação de diálogo que se posiciona no entre estar. Há quase sempre uma fala muito querida sobre a cidade natal (“Porto corre no meu sangue!”, “Sou apaixonada por Recife”, “hoje percebo coisas na minha cidade que antes não conseguiria”, “Meu vínculo com Recife mudou completamente”, “Recife é o meu porto”). A maioria considera o CS uma fonte legítima de informação tanto do ponto de vista dos fóruns de discussão como a partir da troca estabelecida no receber-hospedar. A partir desta experiência, a relação local-global se coloca de maneira intensa e muitos dos viajantes com quem tive contato estão mesmo dispostos a mergulhar no universo do outro ao máximo, se despir de noções prévias e impregnar-se, adaptar-se (se não por toda uma vida, ainda sim disposto a vincular-se, com toda a consciência e responsabilidade que isso o traz). Tanto a visão de mundo e de sua posição na sociedade, como algumas ressonâncias no círculo próximo vai se alterando:

Eu até posso dar um exemplo. Minha tia quando soube que eu ia pra África desligou o telefone. Minha mãe falou, “ah, \*\*\*\* vai pra África”, ela desligou o telefone. Desligou mesmo, sem falar nada. Um ano [ênfase] e meio depois essa tia me escreveu, email mesmo, e era um email assim, carinhoso, dizendo que tava muito orgulhosa que eu tava fazendo aquilo, que era uma atitude muito rara... que ela nem valorizava tanto assim um ano e meio atrás, achava um absurdo eu largar o emprego, mas agora já era uma atitude louvável. Aí tinha esse *email* todo bonitinho e no final tinha assim, eu tinha acabado de chegar em Moçambique, “vou colocar Moçambique no meu atlas mental”. Até aquele momento, Moçambique nem existia. Nem precisou ela ir, bastou ela se sentir indiretamente ligada ao lugar por minha causa e depois ela passou a escrever pra dizer que leu coisas sobre o lugar, sobre a independência.... E eu sou mais ou menos a mesma coisa. Quando eu vejo algo sobre a Índia, não é mais a Índia aquele lugar longe. Mas é a Índia aquele lugar que eu tava lá. Faz mais sentido, não é um filme de ficção. Passa a ser algo mais realista... (o *cser*, de Recife, membro desde 2007, passou seis meses na Índia e outros meses em Moçambique).

Nesta pesquisa, para além de algo menor ou que em sua essência marginaliza-se o outro, a partir das extensas falas coletadas, inúmeras postagens dentro da rede, em blogs, vídeos (ver videografia apresentada nas referências), conversas informais... pude relacionar a noção de cosmopolitismo ao conceito de polifonia cultural, trazido por Edgard de Assis Carvalho (2000), como forma de diálogo transcultural e transpolítico ativo. Um sentido de pertencimento planetário carrega consigo a necessidade de existência de uma rede transcultural que investe na “inseparabilidade do todo e da parte, do local e do global, do particular e do universal” e em que só haveria espaço “para interconexões e correlações voltadas para a auto-organização do sistema cultural planetário e não para a reivindicação dos orgulhos identitários locais, nacionais ou mesmo transnacionais” (Carvalho, p.14).

O couchsurfing é uma rede cujo projeto se constituiu em uma aposta contra hegemônica e distinta de um cosmopolitismo elitista-burguês. Isto é refletido nos discursos institucionais dos seus primeiros anos, que se camuflam entre críticas à falta de transparência, mas principalmente nas falas coletadas entre membros mais antigos e ativos (no sentido de hospedar e ser acolhido, principalmente).

A hospedagem gratuita, sem dúvida, possibilita um maior número de viagens para muitos. Para aqueles que por restrições de toda ordem também não podem facilmente ou legalmente se deslocar, receber/acolher também se torna o canal de comunicação com o mundo e também de diálogo. A multiplicidade de atores e experiências que estão envolvidos em uma rede complexa como o CS, embora não garanta, contribui para a criação de novas significações imaginárias ligadas a valores de compartilhamento, respeito mútuo, diálogo, troca, hospitalidade, responsabilidade.

As pessoas sempre perguntam: “Pra que é que você foi viajar tanto?”. sempre acham que é uma espécie de fuga, não sei, talvez seja. Inconscientemente. Eu gosto de tá aqui em Recife do mesmo jeito, se bem que sonhando com novas viagens, mas até onde eu sei eu acho que no meu caso é uma curiosidade tremenda, uma curiosidade muito grande pelo mundo. Eu quero entender. Aquilo também faz parte de mim, o mundo é um só! Acho muito maravilhoso ver um pouquinho de mim em todos esses lugares e trazer um pouco desses lugares pra mim também [ele fala, por exemplo de como queria entender o conflito Israel e Palestina estando lá um tempo, como couchsurfer, ou seja, vivenciando a casa e o dia a dia de cada um]. Você tem muito mais experiência quando você se desapega um pouco da segurança do seu mundo. Porque na rotina a gente não tem o grau de surpresa, de aventura, de diferença, que é necessário pra você realmente sair do seu lugar, pra você chacoalhar a cabeça e aprender. Agora eu me sinto parte do problema também [novamente fala de sua experiência de viagem visitando a região de Israel e a Palestina]. Às vezes eu acho que eu gostaria de ser, como meu pai gostaria que eu fosse, diplomata, sabe? De encarar essas coisas. Sérgio Vieira de Mello pra mim era um herói. Essa coisa de você tá tentando resolver problemas e tomando conta do mundo de uma forma mais ampla, não se preocupando só com o seu umbigo, com a sua vizinhança, mas com a coisa toda, com a big picture, com a figura mais ampla. E depois dessa curiosidade eu acho que é natural que você tenha esse senso de responsabilidade com as coisas, você sente... (cser de Recife, membro desde 2009, em entrevista em sua residência em agosto de 2012, grifos nosso).

Aqui, não há como não remeter novamente a Morin e à sua noção de Terra-Pátria. Segundo o autor, para compreendê-la, é necessário refletir sobre a palavra "Pátria" em sua trindade de significado. Primeiramente, Pátria chama a uma identidade comum - filhos da natureza viva da terra e estrangeiros a nós próprios -; é ainda uma comunidade de origem, mas

também de destino – que são comuns à humanidade enquanto espécie; por fim, a Pátria une uma comunidade de ideias. Isto nos faz abandonar a alternativa banal segundo a qual, no caso de sermos cosmopolitas, não teríamos raízes e, no caso de termos Pátria, seria uma Pátria singular fechada sobre ela própria (Morin, 2005). As raízes permanecem, o cosmopolitanismo e a particularidade não são opostos, se complementam e se fortalecem mutuamente (Innerarity apud Castro; Dravet, 2004).

“Ser uma colcha de retalhos” como comenta uma cser entrevistada, faz parte de uma construção diária gerada pelas experiências do dar-receber-retribuir geradas pelo acolhimento, pela abertura da casa e pelo respeito e legitimidade deste espaço. Enquanto colcha de retalhos, ou mesmo um bricoleur, um complexeur, interligando pessoas, saberes, assumindo vínculos (Castro apud Castro; Dravet, 2004), o viajante percebe sua eterna incapacidade ou inacababilidade. A práxis transcultural irá se estabelecer também neste reconhecimento, na experiência de confrontação com o estranho, com o outro, e no reconhecimento de si em cada parte do todo. O desejo de uma identidade que não abandona raízes, mas se desenraíza de modo a não se asfixiar.

Muitos campos aqui observados poderão ainda ser aprofundados e mesmo acompanhados continuamente de modo que a compreensão sobre suas ressonâncias desloquem-se de uma espécie de recorte hiper-temporal e possam ajudar a problematizar questões caras à antropologia das viagens e às disciplinas que se relacionam. A dimensão virtual, enquanto campo de uma cultura ciber, que se constituiu em um dos pontos de partida desta pesquisa, precisa ser apreendido cada vez como um campo legítimo de construção social e de conhecimento fractal. A experiência da viagem, penetrada por glocalismos, estrangeirismos, mas também pelo fluxo não apenas de pessoas e bens, mas sobretudo pela maximização de fluxos simbólicos, também contribui para a contraposição necessária de imagens e práticas de globalização coloniais, pois elementos fundamentais como a superação de fronteiras culturais e simbólicas são potencialmente atravessados através de experiências calcadas em um diálogo e em trocas mais profundas entre anfitriões e convidados.

Os tópicos descritos como componentes descolonizadores (quadro 1) encontrados durante este percurso, acompanhando os sujeitos parceiros desta pesquisa, são um ponto de partida para desdobramentos que pretendo seguir e que poderiam ser complexificados a partir de uma rede maior de pesquisadores voltados ao campo das viagens relacionadas à teoria decolonial.

Nosso objetivo de estudar a relação entre o dom - a partir da referência do acolhimento nas experiências de viagem e hospedagem - e práticas culturais, possibilitou a observância de diversas apostas decoloniais promovidas por estas mesmas experiências, mais autônomas, baseadas em princípios como troca, hospitalidade.

A releitura não linear e constante das partes, que são efetivamente uma amostra do que foi o processo de desenvolvimento da pesquisa, indicaram algumas apostas, ou poderia também chamar horizontes, relacionadas a uma morfologia de viagens que, focadas em uma maior autonomia, consciência política e diálogo entre os sujeitos, ressoam efetivamente como práticas transculturais que vão à contracorrente de um sistema mundo global hegemônico e fortemente ainda alicerçado em coerções colonizadoras do saber, do ser e do poder. São apostas porque embora se constituam ainda como práticas minoritárias, já se tornou, ao menos aqui, perceptível sua grande potência transformadora.

## Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. (2012). *Cultura e pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 159p.
- BIALSKI, Paula. (2007), *Intimate Tourism. Friendship in a State of Mobility - The case of the online hospitality network*. Master Thesis. Institute of Sociology. Departament of Social Psychology. University of Warsaw, Poland.
- BOHM, David. (2005). *Diálogo: comunicação e redes de de convivência*. Trad. de Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena. 178p.
- CARVALHO, Edgard de Assis. (2005). *Subjetividades e Políticas de Civilização*. Contexto e Educação. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Ano XX. Nº73/74. Ijuí: Editora Unijuí. Jan./Dez. 41-54.
- \_\_\_\_\_. *Polifonia Cultural e Ética do Futuro*. Conferência. In: PITTA, Danielle Perin Rocha; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes; GARCÊZ, Rita. (orgs). Revista Antropológicas. Ano 5. v.11. Série Imaginário, 2000. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia.
- CASTAÑEDA, A. Esteban Arias; NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, ALEXANDRE; VALDÉS, Ruben Mendonza. (2013). *Las visiones antipositivistas de la construcción del conocimiento en turismo*. Revista Turismo e Sociedade. Curitiba, v.6, n.3, 508-530, julho de 2013. ISSN: 1983-5442.
- CASTORIADIS, Cornelius. (2006). *Uma Sociedade à Deriva: entrevistas e debates, 1974-1997*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Figuras do Pensável. Encruzilhadas do Labirinto*. VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



- CASTRO, Gustavo de; DRAVET, Florence. (orgs). (2004). *Sob o céu da cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas. 240p.
- DANN, Graham M. S.; PARRINELLO, Giuli Liebman. (orgs.). (2009). *The Sociology of Tourism: European Origins and Developments*. Bingley, UK: Emerald, (Tourism Social Science Series, v. 12).
- FALCO, Débora de Paula.(2009). *A Construção Social do Turismo e das Migrações: sobre a figura do estrangeiro, identidade nacional e representações sociais*. Anais do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP.
- FAROOQ, Kareem. (2011-2012). *Banking on Hospitality: CouchSurfing as a (Neo)Human Economy of Convivial Connectivity*. Dissertation MSc Social Anthropology. The University of Edinburgh. 52p.
- FIGUEIREDO, Ana Flávia Andrade de. (2008). *Sobre buscas e sentidos em uma rede mundial de viajantes: The Couchsurfing Project*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife: O Autor, 2008.
- GROSGOUEL, Ramón. (2013). *Hay que tomarse en serio el Pensamiento Crítico de los colonizados en toda su complejidad*. Entrevista realizada por Luis Martínez Andrade. Revista Metapolítica. núm. 83, octubre – diciembre de 2013. Disponível em: <  
<http://pt.scribd.com/doc/173070625/Ramon-Grosfoguel-Hay-que-tomarse-en-serio-el-pensamiento-critico-de-los-colonizados-en-toda-su-complejidad-Entrevista-realizada-por-Luis-Martinez>>. Acesso em 28 out. 2013.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. Trad. de Inês Martins Ferreira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº. 80, 115-147. ISSN 0254-1106.
- \_\_\_\_\_. *Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais*. Trad. de Flávia Gouveia. Revista Ciencia e Cultura. vol.59, nº.2, São Paulo. Abr/Jun 2007. ISSN 2317-6660
- JAMAL, Tazim; ROBINSON, Mike. (2009). *The SAGE Handbook of Tourism Studies*. Londres: Sage Publications Ltd/ California: Sage Publications Inc/ Nova Deli: Sage Publications India Pvt Ltd/ Singapura: Sage Publications Asia-Pacific Pte Ltd.
- JAMESON, Fredric; ZIZEK, Slavoj. (1998). Introdução de Eduardo Grüner. *Estudios Culturales. Reflexiones sobre el multiculturalismo*. Trad. de Moira Irigoyen. 1. ed. Buenos Aires - Barcelona – México: Ed. PAIDÓS.188p.
- KANT, Immanuel. ((2008). [1795]). *A paz perpétua: um projecto filosófico*. Trad. de Artur Morão. Universidade da Beira Interior: Covilhã. (Coleção: Textos Clássicos de Filosofia).
- LEITÃO, Lúcia; AMORIM; Luiz. (orgs). (2007). *A casa nossa de cada dia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- LE MOS, André; LÉVY, Pierre. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus. (Coleção Comunicação).
- LE MOS, André. (2010). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5 ed. Porto Alegre: Sulina. 295p. (Coleção Cibercultura).
- LÉVY, Pierre. (1999). *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34,. 264p. (Coleção TRANS).

- LIPP, Robert. (2012). *Cosmopolitan Relationships in CouchSurfing. An explorative analysis of a Web 2.0 platform. Diplomarbeit im Studiengang Soziologie in der Fakultät Sozial- und Wirtschaftswissenschaften der Otto-Friedrich-Universität Bamberg*, Bamberg, 2012. 77p.
- MARTINS, Paulo Henrique. *A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, Dezembro 2005, pp. 45-66.
- \_\_\_\_\_. (2012). *La decolonialidad de América Latina y la heterotopía de una comunidad de destino solidaria*. 1 ed. Buenos Aires: Fundación CICCUS; Estudios Sociológicos Editora. 159p.
- \_\_\_\_\_; BENZAQUEN, Júlia Figueiredo. (2013). Projeto O dom, a crítica pós-colonial e os dilemas do desenvolvimentismo na América Latina: centro, periferia, dependência e autonomia. Núcleo de Epistemologias do Sul Global. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco.
- MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (orgs). (1999). *Para navegar no século XXI. Tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina. 288p.
- MAUSS, Marcel. (2003). *Sociologia e Antropologia*. Título original: Sociologie et anthropologie. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. 536p.
- MIGNOLO, Walter D. (2003).. *Historias Locales / Diseños Globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid, Espanha: Editorial AKAL. 456p.
- MONTANDON, Alain. (org.). (2011). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. Apresentação à edição brasileira de Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 1437p.
- MORIN, Edgar. (2002). *O Método 5: A humanidade da humanidade. A identidade humana*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. de Eliane Lisboa. 3 ed. Porto Alegre: Sulina. 120p.
- \_\_\_\_\_; KERN, Anne-Brigitte. (2005). *Terra-Pátria*. Trad. de Paulo Azevedo Neves da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina. 181p.
- MORIN, Edgar et al. (2011). *Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin*. Rio de Janeiro: SESC. Departamento Nacional. 228p.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. (1998), *O Sujeito Vivo*. Congrès Inter-Latin pour la Pensée Complexe (CILPEC), Rio de Janeiro, setembro..
- PANOSSO NETTO, Alexandre; NOGUERO, Félix Tomillo; JÄGER, Margret. (2011). *Por uma visão crítica nos estudos turísticos*. Revista Turismo em Análise, USP, São Paulo, vol. 22, n.3, 539-560, dez.. ISSN 1984-4867
- REZENDE, Antonio Paulo. (2006). *As sedução do efêmero e a construção da história. As múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo*. IN: ERTZOGUE, Maria Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (orgs). *História e sensibilidade*. Brasília, Paralelo 15. 430p.
- ROCHA, Judite. (2012). *O Planeta num Sofá. Uma viagem ao mundo do couchsurfing*. Porto: Ed. Cordão de Leitura. 95p.
- SÁ, Simone Pereira de. (2002). *Netnografias nas redes digitais*. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 168p. 147-164.

SAID, Edward. (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.

SAMPAIO, Sofia. (2013). *Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo*. Revista Etnográfica [Online], vol. 17 (1) |. Posto online no dia 13 Março, consultado no dia 18 Janeiro 2014. URL: <http://etnografica.revues.org/2615>; DOI : 10.4000/etnografica.2615

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). (2005). *A Globalização e as ciências sociais*. E. ed. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_. (2003). *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. 1ªed. Santiago: LOM Ediciones. 120p.

SILVA, Lidia Oliveira. (2001). *A Internet: a geração de um novo espaço antropológico*. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. (orgs). *As Janelas do Ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina. 280p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). (2000). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes. 133p.

TODOROV, Tzvetan. (2003). *A conquista da América: a questão do outro*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WALSH, Catherine. (2010). Interculturalidad Crítica y Pedagogía De-Colonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir Entrepalabras. Revista de Educación en el Lenguaje, la Literatura y la Oralidad, La Paz, Universidad Mayor San Andrés, Nos. 3-4, Feb. 2010.

### **Blogs e outros**

A criticism of CouchSurfing and review of alternatives. Postado no blog All that is wrong with the world... Disponível em: <<http://allthatiswrong.wordpress.com/2010/01/24/a-criticism-of-couchsurfing-and-review-of-alternatives/>>. Último acesso em 05 mar 2014.

MACDONALD, Callum.OpenCouchSurfing.org. Disponível em: <<http://www.opencouchsurfing.org/>>. Último acesso em 05 mar 2014. Arquivado para apenas leitura em 24 de abril de 2012.

Grupo do Google do OpenCouchsurfing.org. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!forum/open-couchsurfing>>. Último acesso em 06 mar 2014

Our Mechanical Brain <<https://mechanicalbrain.wordpress.com/2013/03/20/couchsurfing-the-meltdown-continues/>>. Último acesso em 08 mar 2014

CouchSurfing Moves from NGO to B-Corps: Bona fide or Bogus?. Disponível em: <<http://www.triplepundit.com/2011/09/couchsurfing-corporation-bona-fide-bogus/>>. Último acesso em 07 mar 2014.

### **Videografia**

CASA DOS 40. Produzido e Editado por IRISHPOLYGLOT (um cser irlandês que estava morando em Recife, à época do carnaval, na casa da então embaixadora da cidade). (parte em português e parte com legendas em português). A embaixadora teve seu perfil excluído.

A MONGOLIAN COUCH. Produção e Direção de George Clipp e Eva Arnold. Edição de Séverine Gasq. Colourist Matt Cleaves. Traduções de Séverine Gasq. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UUyMiQnrZv4>>. Último acesso em 10 mar 2014. 11min35s. Ganhador dos seguintes prêmios: Jury Prize for Best Short Film at the EcoFocus Film Festival 2010 (U.S.A); Audience Award for Best Short Film at the EcoFocus Film Festival 2010 (U.S.A); Best Student Film at the Wild and Scenic Film Festival 2011 (U.S.A). (legendas em inglês).

FERNANDO'S COUCH. Fernando é embaixador da cidade de Porto em Portugal. Realização e Imagem por Elaine Codogno e Inés España Sanchis. Publicado em 29 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vF0m2Tehsxxg>>. Último acesso em 04 mar, 2014. 16min47s. (parte em português de Portugal e parte em inglês)

INTERVIEW WITH CASEY FENTON, CEO OF COUCHSURFING AT DLD 2012. Entrevista concedida a Ayelet Noff. Disponível em: <<https://www.blonde20.com/blog/2012/02/09/interview-with-casey-fenton-ceo-of-couchsurfing-at-dld-2012/>>. Último acesso em 04 mar 2014. (em inglês). 6min11s.

COUCHSURFING FOUNDER CASEY FENTON DISCOVERS THE REAL STATE OF THE COMPANY. Postado por [Bluedragon900](#). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkyRDUKChtg#aid=P-4xx8LEfBg>> Último acesso em 10 mar 2014. (em inglês). 3min49s.

COUCHSURFING COLLECTIVE – MONTREAL, SUMMER 2006. Um filme de Claudia Bérubé e Pierre-Yves Beaulieu. Com participação de Casey Fenton e outros membros presentes no Coletivo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xUD0LE0lx6g>>. Último acesso em 26 mar 2014. (em inglês). 9min37s.

COUCHSURFING- COUCHSELLOUT! (from charity to profit-making corporation). Apresentação de Casey Fenton e Daniel Hoffer (co-fundadores do couchsurfing). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VCEh5wt0cU0>>. Último acesso em 26 mar 2014. (em inglês). 4min.58s.

TONY ESPINOZA - COUCHSURFING - LEWEB LONDON 2013. Publicado originalmente em 05 de junho de 2013. (em inglês). 18min.59s.

**Recebido em: 17/02/2015. Aceito em: 19/04/2015.**